

A INICIAÇÃO ESPORTIVA COMO CAMPO DE DOMINAÇÃO

A Iniciação Esportiva (IE) se estabelece como um projeto que permite o contato de crianças e adolescentes com determinadas práticas esportivas, sem fins de especialização, contudo, quando observamos a aplicação de diversos projetos, ora ela responde a intenções voltadas a saúde, ora à especialização em determinado esporte, sempre revestida de prática social.

Parte das metodologias que regem as ações pedagógicas na IE, sugerem um processo de generalização motora para a especialização, desta forma, ela abarca um conjunto plural de sujeitos que são guiados ao aprendizado de habilidades motoras específicas.

Tomamos como exemplo a Iniciação Esportiva Universal (IEU) de Greco e Benda (2001), uma das metodologias de ensino mais utilizadas no aprendizado esportivo. Em sua primeira fase, denominada pré-escolar, preconiza-se que as crianças adquiram extenso repertório motor pela vivência de jogos. Durante seu processo maturacional, a criança irá progredir por demais fases, estabelecidas em escala, até que deva se especializar. De modo geral, o IEU possui quatro fases básicas e cinco específicas, que podem levar ao alto rendimento esportivo ou promover a manutenção da prática esportiva, para lazer ou saúde (GRECO & BENDA, 2001). Nas demais metodologias, que constam na revisão feita por Soares (2009), é seguido o mesmo processo de racionalização do ensino e aperfeiçoamento de habilidades motoras.

No IEU, bem como em outras metodologias com referenciais comuns, o corpo é assumido em uma lógica mecânica, e aparece concebido de forma dualística com a “mente”. Em outras palavras, pela experimentação do movimento o trabalho do professor se volta para a capacitação do aluno a conhecer, utilizar e dominar seu corpo. Assim, o corpo se faz enquanto objeto a ser conhecido, utilizado e dominado, precisa ser trabalhado para adquirir repertório suficiente para se especializar ou para usufruir ao máximo das benevolências do esporte (LE BRETON, 2003).

DA MORALIZAÇÃO NO ESPORTE

Trazendo para uma leitura foucaultiana, o corpo aparece traçado pelas relações de poder, bem como legitimado pelos discursos produzidos nessa relação e o saber de quem o produz (FOUCAULT, 2014a). Guiado por retóricas médicas, no que podemos chamar do discurso higienista renovado, o corpo é colocado em posição submissa à mente, devendo a criança aprender a controlá-lo para realizar os movimentos. Pela concepção anátomo política, no aprendizado, o corpo é esquadrihado por suas habilidades específicas, permitindo que a criança usufrua dele ao máximo, levando ao maior domínio.

Esta mesma lógica do poder, se estabelece na verdade do discurso para justificar a importância que os jovens e crianças estejam inseridos nesses espaços. Aqui, dois chamam atenção: os discursos para afastá-los das drogas e da criminalidade (SILVA; PIMENTEL; CHAO, 2018; CASTRO & SOUZA, 2011), e; o aprendizado de valores e bons hábitos (RAMOS & NEVES, 2008; CASTRO & SOUZA, 2011).

Na retórica das drogas e da criminalidade, é produzida uma linearidade do discurso entre o esporte e a produção de um “cidadão de bem”. Neste momento, retomando ao dualismo corpóreo, as Organizações Não-governamentais (ONG’s) que promovem a IE, aparecem para produzir *mens sana in corpore sano*, ou seja, estes agentes esportivos colocam as crianças e jovens à margem, e utilizam do discurso de esporte como “recuperador” (ELIAS; SCOTSON, 2000).

No estudo de Pinto e Oliveira (2017), onde foram feitas análises de nove sites de diferentes ONG’s esportivas, notou-se que nas imagens de alunos dos projetos eram evidenciados disciplina e boa educação dos que são descritos como “socialmente vulneráveis”, “carentes”, “ociosos”, “oriundos de famílias desestruturadas” e “próximos à criminalidade”. Assim, é possível observar pelo estudo de Pinto e Oliveira (2017), que estes agentes esportivos instituem a configuração social que Elias (2000) descreve nas relações de poder entre grupos que se autopercebem *establishment* e, intitulam “o outro” como *outsiders*. Fazendo este paralelo, os *establishment* vão às periferias, se auto intitulam desta forma e carregam uma identidade social de “portadores da moral e dos bons costumes”, aqueles que levam o projeto de formação cidadã para os jovens *outsiders*. Estes, por sua vez, são estigmatizados e jogados à margem, mesmo quando não ligados a criminalidade.



Meio a este confronto simbólico, o corpo aparece no campo da dominação. Ele se encontra como objeto e alvo de poder, sendo colocado na lógica do adestramento. Portanto, esses corpos ficam à mercê das ONG's para serem docilizados, ou seja, são aperfeiçoados em um projeto que se distancie da criminalidade e das drogas. Diferente da disciplina que Foucault (2014b) descreve para a produção dos corpos dóceis no séc. XVIII, essa disciplina instituída em grande parte das práticas esportivas, buscam uma mecânica do poder que permita o domínio dos corpos pelo movimento. Eles internalizam novos comportamentos, competitivos e civilizados, se reprimindo ou afastando dos impulsos à criminalidade.

No aprendizado de valores e bons hábitos, o esporte parece firmar-se no controle das pulsões, na qual, segundo Brandão (2001), é parte do processo de construção da civilização. Segundo Elias (2011), a partir da sociedade de corte, foi estabelecido padrões de conduta e controle das emoções como marcadores no processo de estratificação. A família, que era a principal e dominante instituição a instalar o controle dos impulsos em seus filhos, passam hoje a relegar a outras instituições este ato civilizatório, como as escolinhas esportivas.

Guiado por normas, as crianças têm seus comportamentos reprimidos nestes espaços. Impulsos e emoções que fogem à norma, são tachados como inadequados e, através da injunção social, nos jogos pré-desportivos, as crianças passam a reprimir internamente seus comportamentos, formando uma espécie de autocontrole (ELIAS, 2011). Com isto, podemos compreender quando uma mãe discursa que

[seus filhos] melhoraram bastante. [...] Bem mais rebeldes é o que eles eram. [...] Não queriam participar de nada dentro de casa, era só na rua. [...] Daí depois começaram a mudar. [...] Esse fim de ano então, [...] nem tem reclamação no colégio, também estão super bem [sic]. (CASTRO e SOUZA, 2011, p. 154)

Este fato ocorre, pois, respaldado nas ideias elisianas, o controle dos impulsos individuais passa a ser estimulado meio a relação estabelecida entre dominador-dominado. Igualmente, essa relação se estabelece entre os professores e os alunos, sendo que os primeiros instituem códigos de conduta e padrões de comportamento a serem seguidos pelos segundos, forçados pelas relações polimorfas de poder (ELIAS & DUNNING, 1992). Portanto, o comportamento dos alunos e a forma como lhes são ensinados nas escolinhas esportivas passa pelo processo de civilização, uma vez que Brandão (2001) argumenta que a construção civilizacional impacta diretamente na construção do superego dos indivíduos, criando a consciência moral e fundando sua personalidade.

Inversamente, de forma equivocada, se funda no imaginário coletivo imagens do esporte "regenerador", que mobilizam práticas coletivas com investimentos políticos. É bem comum iniciarem projetos esportivos com fins moralizadores e darem enfoque apenas no rendimento das crianças e aprendizado técnico, esperando que a formação moral aconteça de forma espontânea, ou então instalem praças esportivas em periferias violentas como se elas por si só pudessem pudesse extirpar a violência. Por isso, é preciso análises cautelosas das funções sociais do esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a este estudo complexo e transitório, é preciso pontuar algumas considerações. Em um ponto, com relação ao arcabouço teórico, refletimos que a proposição de análise conjunta com Foucault e Elias é possível, uma vez que nas obras de ambos reverbera, de forma nítida, esforços para romper com as fronteiras disciplinares, além de um ecletismo inovador na rede de fontes e abordagens de pesquisa e, nas noções de poder, úteis a nossa modernidade fluida e substancial na análise do Esporte.

Um segundo ponto, no que diz respeito às intersecções no corpo, podemos considerar que a repressão dos impulsos e paixões dos sujeitos na formação esportiva, juntamente com um "discurso de verdade" sobre seu papel para formar bons cidadãos, com destaque em sua fase de iniciação, se coloca hoje como ferramenta privilegiada no funcionamento da grande máquina civilizadora.



EDUCATION, PULSES CONTROL AND BODY FORMATION IN SPORT INITIATION

ABSTRACT

This research aims to interpret the relation between society and sports in body formation in childhood, evidencing some mechanisms of docilization. For this, was utilized of bibliographic research, whit theory bases of academic prestige high. It was concluded that the power is legitimized for a rationality of the force correlation about the children body, aims to repress your impulses and emotions, for the social life.

KEYWORDS: *Sport Initiation; Power Relationships; Docilization.*

EDUCACIÓN, CONTROL DE PULSONES Y FORMACIÓN CORPORAL EN LA INICIACIÓN ESPORTIVA

RESUMEN

El objetivo de este estudio es interpreta la relación entre las instituciones sociedad y deporte en la formación corporal en la infancia, evidenciando algunos mecanismos de docilización. Utilizamos de la investigación bibliográfica, basándose en bases teóricas con alto prestigio académico. Se concluyó que el poder es legitimado por una racionalidad de las correlaciones de fuerzas que traspasan el cuerpo infantil, con el fin de reprimir impulsos y emociones, adecuándolo a la convivencia social.

PALABRAS CLAVES: *Iniciación Deportiva; Relaciones de Poder; Docilización.*

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. da F. A Teoria dos Processos de Civilização e o Controle das Emoções. *Conexões*, Campinas, v. 6, p.97-111, 2001.
- CASTRO, S. B. E. de; SOUZA, D. L. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p.145-163, dez. 2011.
- ELIAS, N. DUNNING, E. *A busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Volume 1: Uma História dos Costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Org.). *Iniciação Esportiva Universal*. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2001.
- GREGÓRIO, K. M.; SILVA, T. da. Iniciação Esportiva x Especialização Esportiva precoce: quando iniciar estas práticas?. *Horizontes*, Dourados, v. 2, n. 3, p.49-65, jun. 2014.
- LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papius, 2003.
- PINTO, R. N.; OLIVEIRA, C. B. de. Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONG's como acontecimento discursivo. *RBCE*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p.39-48, 2017.
- RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. Iniciação Esportiva e Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade: Notas Introdutórias. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11, n. 1, p.1-8, jun. 2008.
- SILVA, P. P. C. da; PIMENTEL, G. G.; CHAO, C. H. N. Práticas Corporais, Comportamento Desviante e Consumo de Álcool e Drogas: uma revisão sistemática. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, n. 53, p.226-247, maio 2018.
- SOARES, I. A. *Estudos sobre a Iniciação Esportiva: revisão de literatura sobre métodos e fases de ensino*. 2009. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2009.

